

**CONNIE
WILLIS**

**O
LIVRO
DO JUÍZO
FINAL**

Tradução
Braulio Tavares



Copyright © 1992 by Connie Willis
Publicado mediante acordo da autora com The Lotts Agency, Ltd.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Doomsday Book

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Imagen de capa
Marcin Perkowski/ Shutterstock

Preparação
Gustavo de Azambuja Feix

Revisão
Luciana Baraldi
Arlete Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Willis, Connie
O livro do juízo final / Connie Willis; tradução
Braulio Tavares. – 1^a ed. – Rio de Janeiro: Suma de
Letras, 2017.

Título original: Doomsday Book.
ISBN 978-85-5651-038-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

17-03844

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2017]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19 – Sala 3001 – Cinelândia
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/sumadeletrasbr
instagram.com/sumadeletras_br
twitter.com/Suma_BR

*“E, para que coisas que devem ser lembradas não sucumbam ao tempo
nem se desvaneçam da memória dos que virão depois de nós, eu,
vendo tantos males e vendo o mundo, por assim dizer,
sob a garra do Maligno, e estando eu próprio como se já entre os mortos, eu,
esperando pela morte, deliberei colocar por escrito
todas as coisas que testemunhei.
E, para que a própria escrita não pereça com o seu escritor
nem o trabalho do trabalhador seja sem proveito,
deixo estes pergaminhos para que o legado continue,
no caso de algum homem sobreviver e de alguém da raça
de Adão escapar a esta pestilência e prosseguir a obra que iniciei...”*

Monge John Clyn
1349

LIVRO UM

*“O que é mais necessário a um sineiro não é a força física,
mas a capacidade de medir o tempo...
Você deve trazer estas duas coisas sempre juntas
na sua mente e deixar que fiquem assim para sempre:
sinos e tempo, sinos e tempo.”*

Ronald Blythe, Akenfield

1

O sr. Dunworthy abriu a porta do laboratório e seus óculos ficaram embaçados no mesmo instante.

— Estou atrasado? — perguntou ele, retirando os óculos do rosto e apertando os olhos para ver Mary.

— Feche a porta — pediu ela. — Não posso escutá-lo com toda essa cantoria natalina.

Dunworthy fechou a porta, mas não conseguiu abafar por completo o som de “O Come, All Ye Faithful” vindo do pátio.

— Estou atrasado? — repetiu a pergunta.

Mary abanou a cabeça.

— Você só perdeu o discurso de Gilchrist.

Ela recostou-se mais na cadeira, permitindo que Dunworthy se espremesse para entrar no estreito espaço da área de observação. Ela tinha tirado o casaco e o chapéu de lã, pondo-os sobre a outra cadeira, com um saco cheio de compras. Seus cabelos grisalhos estavam desalinhados, como se ela tivesse tentado deixá-los mais soltos depois de tirar o chapéu.

— Um longo discurso sobre a viagem inaugural da Medieval através do tempo — disse ela — e sobre o Brasenose College ocupando o seu merecido lugar como a joia da coroa na História. Ainda está chovendo?

— Está — respondeu ele, limpando os óculos no cachecol.

Enganchou as hastes dos óculos atrás das orelhas e foi até a divisória de vidro para olhar para a rede. No centro do laboratório via-se uma carroça despedaçada, cercada por baús revirados e caixas de madeira. Sobre eles, pairavam os escudos protetores da rede, pendurados como um paraquedas diáfano.

O orientador de Kivrin, Latimer, parecendo mais velho e ainda menos firme do que o normal, estava parado junto a um dos baús. Montoya estava imóvel perto do console, usando jeans e um casaco de terrorista, olhando com impaciência o

relógio no pulso. Badri estava sentado diante do console, digitando algo no teclado e franzindo a testa, enquanto olhava os monitores.

— Onde está Kivrin? — perguntou Dunworthy.

— Não sei — disse Mary. — Sente. O salto está marcado para o meio-dia, mas duvido muito que esteja tudo pronto a essa hora. Ainda mais se Gilchrist resolver fazer outro discurso. — Ela pendurou o casaco no encosto da própria cadeira e colocou no chão a sacola de compras, junto aos pés. — Espero que não demore o dia todo. Tenho que pegar meu sobrinho-neto, Colin, na estação, às três. Ele está vindo para cá de metrô. — Ela remexeu na sacola. — Minha sobrinha, Deirdre, foi passar o feriado em Kent e me pediu para ficar com o menino. Espero que não chova o tempo inteiro enquanto ele ficar aqui — acrescentou ela, ainda remexendo. — Ele tem doze anos, é um bom menino, muito inteligente, embora tenha um vocabulário deplorável. Tudo para ele ou é necrótico ou apocalíptico. E Deirdre deixa ele comer muito doce.

Ela continuou mexendo no conteúdo da sacola de compras.

— Comprei isto aqui para ele, para o Natal — disse ela, puxando lá de dentro uma caixa estreita, com faixas em verde e vermelho. — Minha esperança era conseguir fazer todas as compras antes de vir para cá, mas estava chovendo, e eu só consigo suportar aquele carrilhão horroroso da High Street por pouco tempo.

Ela abriu a caixa e afastou o papel de seda.

— Não faço ideia do que garotos de doze anos usam hoje em dia, mas cache-cóis sempre são úteis, não acha, James? James?

Ele estava olhando fixamente para as telas luminosas, e virou-se para encará-la.

— O quê?

— Eu disse que um cachecol é sempre um presente de Natal adequado para um garoto, você não acha?

Ele olhou o cachecol que ela erguia para ser examinado. Era de lã cinza, escura. Ele não usaria aquilo nem morto se fosse jovem, e já se iam uns bons cinquenta anos desde essa época.

— Claro — respondeu, e voltou a olhar através do vidro.

— O que houve, James? Alguma coisa errada?

Latimer estava segurando um pequeno baú reforçado com latão e olhando vagamente ao redor, como se tivesse esquecido o que pretendia fazer com ele. Montoya observava com impaciência o relógio.

— Onde está Gilchrist? — perguntou Dunworthy.

— Entrou ali — disse Mary, apontando para uma porta na extremidade da rede. — Fez um discurso sobre o lugar da Medieval na História, conversou um pouco com Kivrin, o técnico realizou alguns testes, e então Gilchrist e Kivrin entraram por aquela porta. Imagino que ele esteja lá com ela, ajudando nos preparativos.

— Ajudando nos preparativos — murmurou Dunworthy.

— James, sente-se aqui e me conte o que há de errado — sugeriu ela, enfiando o cachecol novamente no embrulho, que voltou a guardar na sacola. — E também por onde você andava. Quando cheguei, esperava que você já estivesse aqui. Afinal de contas, Kivrin é sua aluna favorita.

— Estava tentando falar com o diretor do curso de História — disse Dunworthy, olhando para as telas dos monitores.

— Basingame? Pensei que ele tivesse viajado por causa do feriado.

— Viajou, e Gilchrist deu um jeito de ser indicado diretor interino na ausência dele, para poder abrir a Idade Média para as viagens temporais. Ele rescindiu o ranking coletivo de 10 pontos de risco e indicou arbitrariamente rankings para cada século. Sabe quanto ele atribuiu ao século XIV? Um 6! Seis! Se Basingame estivesse aqui, isso nunca teria acontecido. Mas o homem sumiu. — Ele olhou para Mary com alguma esperança. — Você não sabe para onde ele foi, sabe?

— Não sei. Acho que para algum lugar na Escócia.

— Algum lugar na Escócia — repetiu ele, ressentido. — E enquanto isso Gilchrist está mandando Kivrin para o século que tem um ranking de risco bem claro, de 10, um século onde existem escrófulas, e a Peste, e hereges sendo queimados nas fogueiras.

Ele olhou para Badri, que estava agora falando no microfone do console.

— Você disse que Badri estava realizando testes. Testes de quê? Checagem de coordenadas? Projeção de campo?

— Não sei — respondeu ela, fazendo um gesto vago na direção das telas, onde matrizes e colunas de números se sucediam sem parar. — Sou apenas uma médica, não sou técnica de rede. Eu *achei* que tinha reconhecido o técnico. Ele é do Balliol, não?

Dunworthy assentiu.

— É o melhor de lá — disse ele, observando Badri, que estava tocando nas teclas do console, uma de cada vez, os olhos presos às imagens cheias de números.

— Todos os técnicos do New College saíram de férias. Gilchrist estava pensando em utilizar um estagiário do primeiro ano, que nunca tinha dirigido um salto tripulado. Usar um estagiário para um *remoto*! Convenci ele a chamar Badri. Se não posso impedir esse salto, pelo menos posso fazer com que seja dirigido por um técnico competente.

Badri franziu a testa diante da tela, puxou um medidor do bolso e foi na direção da carroça.

— Badri! — chamou Dunworthy.

Badri não deu sinal de ter ouvido. Ficou caminhando em torno do perímetro de caixas e baús, olhando o medidor. Moveu uma das caixas um pouquinho para a esquerda.

— Ele não consegue ouvir você — observou Mary.

— Badri! — gritou ele. — Quero falar com você!

Mary ficou de pé.

— Ele não consegue ouvir você, James — repetiu ela. — Este lugar é à prova de som.

Badri falou alguma coisa para Latimer, que ainda segurava o baú reforçado com latão. Latimer parecia perplexo. Badri tirou o baú das mãos dele e o colocou numa marca de giz feita no chão.

Dunworthy olhou em volta, à procura de um microfone. Não viu nenhum.

— Como foi que você ouviu o que Gilchrist falou? — perguntou ele a Mary.

— Gilchrist apertou um botão ali dentro — respondeu ela, apontando um painel na parede próximo à rede.

Badri voltara a se sentar diante do console e estava falando no microfone. Os escudos da rede começaram a descer. O técnico falou alguma coisa e eles se elevaram novamente.

— Pedi a Badri que checasse tudo de novo, a rede, os cálculos do estagiário, tudo, e que abortasse o salto de imediato se encontrasse algum erro, independentemente do que Gilchrist falasse.

— Mas com certeza Gilchrist não colocaria a segurança de Kivrin em risco — protestou Mary. — Ele me disse que todas as precauções foram tomadas...

— Todas as precauções! Ele não fez teste de reconhecimento nem checou os parâmetros. Fizemos dois anos de saltos não tripulados no século xx antes de mandar uma pessoa. Ele não fez nenhum. Badri disse que ele devia adiar o salto até que pudesse fazer um desses testes, e em vez disso ele antecipou o salto em dois dias. O homem é um incompetente total.

— Mas ele explicou por que o salto teria que ser hoje. No discurso. Disse que as pessoas no século xiv não prestavam muita atenção a datas, exceto às épocas de plantio e colheita, e aos dias santos da Igreja. Disse que a concentração de dias santos era maior por volta do Natal, e que por isso Medieval tinha decidido enviar Kivrin agora, para que ela pudesse usar os dias do Advento para determinar sua localização temporal e garantir a volta ao local do salto em 28 de dezembro.

— Enviá-la agora não tem nada a ver com o Advento nem com feriados — respondeu Dunworthy, sempre de olho em Badri, que estava outra vez apertando tecla após tecla, cenho franzido. — Podia mandá-la semana que vem e usar a Epifania como data de reencontro. Podia ficar mandando viagens não tripuladas durante seis meses e depois enviá-la usando um lapso de tempo. Gilchrist está mandando ela agora porque Basingame viajou no feriado e não pode impedir.

— Ai, meu Deus! Bem que desconfiei que ele estava fazendo as coisas meio às pressas. Quando comentei o tempo que Kivrin devia ficar na enfermaria, ele

tentou me dissuadir. Tive que explicar que aquelas vacinas precisam de algum tempo para fazer efeito.

— Um reencontro em 28 de dezembro — soltou Dunworthy, com amargura.
— Sabe qual é o feriado dessa data? A comemoração do Massacre dos Inocentes. Algo que, do modo como estão fazendo este salto, pode ser inteiramente apropriado.

— Por que você não interrompe tudo? Pode proibir Kivrin de ir, não pode? Você é o orientador dela.

— Não. Não sou orientador. Ela é aluna do Brasenose. O orientador dela é *Latimer*. — Ele fez um gesto na direção de Latimer, que tinha apanhado de novo o baú forrado em latão e o examinava com olhar ausente. — Ela veio até o Balliol e me pediu para ser seu orientador, extraoficialmente. — Ele virou-se e fitou com olhos sem foco a divisória de vidro. — Eu expliquei que ela não poderia ir.

Kivrin o procurara quando estava no primeiro ano. “Quero ir para a Idade Média”, dissera ela. Ela mal tinha um metro e meio de altura, e usava tranças no cabelo claro. Não parecia ter idade nem para atravessar uma rua sozinha.

— Você não pode — explicara ele, no primeiro dos erros que cometeu. Devia tê-la mandado de volta para Medieval, dizendo que ela teria que discutir o assunto com seu orientador. — A Idade Média está fechada. Está com ranking de 10.

— Um 10 coletivo e, para o sr. Gilchrist, não merecido — argumentara Kivrin.
— Ele diz que esses rankings nunca se manteriam se houvesse análises anuais. Eles se baseiam na taxa de mortalidade dos contemps, decorrente sobretudo da má nutrição e da falta de tratamento médico. O ranking não seria tão alto para um historiador vacinado contra as doenças. O sr. Gilchrist está pensando em pedir ao curso de História para reavaliar o ranking e abrir parte do século XIV.

— Não consigo imaginar o curso de História abrindo um século que teve não apenas a Peste Negra e o cólera, mas também a Guerra dos Cem Anos.

— Mas talvez Abram e, se abrirem, eu quero ir.

— É impossível — insistira ele. — Mesmo que estivesse aberto, Medieval jamais mandaria uma mulher. Uma mulher desacompanhada era uma coisa em que ninguém ouvia falar no século XIV. Só mulheres das classes mais baixas andavam sozinhas, e eram presas fáceis para qualquer homem ou animal com que cruzassem. Mulheres da nobreza ou mesmo da classe média emergente eram vigiadas constantemente por seus pais, maridos ou criados, em geral por todos juntos. E mesmo que você não fosse mulher, você é estudante. O século XIV é perigoso demais para que Medieval considere enviar um estudante. Eles mandariam um historiador experiente.

— Não é mais perigoso do que o século XX. Gás de mostarda, colisões de carros e pistolas com laser. Pelo menos lá ninguém vai jogar uma bomba em mim. E quem seria esse historiador medieval experiente? Nenhum tem experiência nesse campo, e os historiadores do Século XX aqui no Balliol não sabem nada

sobre Idade Média. Ninguém sabe nada. Há pouquíssimos registros, exceto pelos livros paroquiais e os pagamentos de impostos. Ninguém faz ideia de como era a vida na época. Por isso eu quero ir. Quero descobrir coisas sobre os temps, como viviam, que jeito tinham. Não quer me ajudar?

Finalmente ele disse: “Receio que você precise falar com Medieval a respeito disso”, mas era tarde demais.

— Já falei — respondera ela. — Eles também não sabem nada sobre a Idade Média. Quero dizer, nada que seja prático. O sr. Latimer está me ensinando inglês médio, mas é só uma questão de inflexões pronominais e de vogais com outro som. Ainda não aprendi a dizer nada. Preciso conhecer a língua e os costumes — insistira ela, inclinando-se sobre a mesa de Dunworthy —, e o dinheiro, e como me portar à mesa e outras coisas. Sabia que eles não usavam pratos? Usavam fatias achatadas de pão, chamadas *manchets*, e quando terminavam a refeição partiam esse pão em pedaços e comiam. Preciso de alguém que me ensine coisas assim, para que eu não cometa erros.

— Sou historiador do Século xx, não um medievalista. Não leio sobre a Idade Média há quarenta anos.

— Mas o senhor pode saber *que tipo* de coisas eu vou precisar saber. Posso procurar por elas e estudar por conta própria, basta me dizer o que é.

— O que me diz de Gilchrist? — sugerira ele, apesar de considerar Gilchrist um idiota metido a importante.

— Ele está trabalhando na nova versão do ranking e não tem tempo.

E de que adianta atualizar o ranking, se não há historiadores para serem enviados?, pensou Dunworthy.

— Que tal essa professora visitante dos Estados Unidos, Montoya? Ela está trabalhando nas escavações de um sítio medieval em Witney, não é isso? Talvez ela saiba alguma coisa sobre esses costumes.

— Montoya também não tem tempo para nada, está ocupada demais recrutando pessoas para trabalhar nesse sítio arqueológico de Skendgate. Não percebe? Ninguém pode me ajudar. O senhor é o único.

Dunworthy devia ter dito: “Bom, mas todos esses são professores do Brase-nose College, e eu não sou”, mas em vez disso estava se sentindo maldosamente satisfeito ao ouvi-la falar coisas que sempre tinha pensado consigo: que Latimer era um velhote decrépito e Montoya uma arqueóloga frustrada, e que Gilchrist não tinha capacidade de formar historiadores. Ele se sentiu ansioso para mostrar à Medieval como as coisas deveriam ser feitas.

— Vamos instalar um intérprete em você — acabara dizendo. — E eu quero que você aprenda latim eclesiástico, francês normando e alemão antigo, além do inglês médio oferecido pelo sr. Latimer.

Ela tinha puxado imediatamente um lápis e um caderninho do bolso e começou a fazer uma lista.

— Você vai precisar de experiência com coisas do campo: ordenhar vacas, recolher ovos, plantar legumes — prosseguira ele, enumerando nos dedos esticados. — Seu cabelo está muito curto. Você vai precisar tomar cortixidils. Vai ter que aprender a fiar com uma roca, não com uma roda de fiar. A roda de fiar ainda não tinha sido inventada. E vai ter que aprender a montar a cavalo.

Ele se detivera, enfim acometido pelo bom senso.

— Sabe o que vai precisar aprender? — perguntara, observando-a enquanto ela aplicadamente se curvava sobre a lista que rabiscava às pressas, as tranças balançando junto aos ombros. — Como tratar feridas expostas, feridas infectadas; como preparar o corpo de uma criança para sepultamento; como cavar um túmulo. A taxa de mortalidade ainda vai manter o ranking de risco em torno de 10, mesmo que Gilchrist consiga mexer na posição geral na lista. A expectativa média de vida em 1300 era de trinta e oito anos. Você não tem nada que ir para lá.

Kivrin erguera o rosto, o lápis ainda pousado no papel.

— Onde posso ver cadáveres? — indagara ela, com animação. — No necrotério? Ou devo falar com a dra. Ahrens na enfermaria?

— Eu expliquei a ela que não poderia ir — repetiu Dunworthy, olhando através da divisória de vidro —, mas ela não me escutou.

— Eu sei — disse Mary. — Ela também não me escutou.

Dunworthy sentou-se ao lado dela, bem empertigado. A chuva e a sua caçada a Basingame tinham agravado sua artrite. Ele ainda estava de sobretudo. Desvencilhou-se dele e desenrolou o cachecol em volta do pescoço.

— Eu quis cauterizar o nariz dela — comentou Mary. — Falei que os odores do século XIV poderiam deixá-la incapacitada, que nós não temos a menor familiaridade com excremento ou com carne estragada e em decomposição, em nossa época e em nossa idade. Expliquei que as náuseas poderiam interferir de modo significativo em sua capacidade de agir.

— Mas ela não escutou.

— Não.

— Tentei dizer que a Idade Média é perigosa e que Gilchrist não estava tomando as precauções cabíveis, e ela me disse que eu estava me preocupando à toa.

— Talvez estejamos — disse Mary. — Afinal, é Badri quem está dirigindo a operação do salto, e não Gilchrist, e você falou que ele tem instruções para abortar se houver algum problema.

— Exato — concordou Dunworthy, observando Badri através do vidro. Ele tinha voltado a apertar tecla por tecla, de olho nas telas. Badri não era apenas o

melhor técnico do Balliol, mas da Universidade inteira. E já tinha dirigido dezenas de remotos.

— E Kivrin é bem preparada. Você serviu de tutor para ela, e eu passei este último mês na enfermaria a deixando pronta, do ponto de vista físico. Ela está protegida contra cólera e febre tifoide e qualquer outro mal que possa existir em 1320, o que aliás não significa a peste, que causa tantas preocupações a você. Não houve casos na Inglaterra até a Peste Negra chegar em 1348. Tirei o apêndice da garota, reforcei o sistema imunológico. Dei um espectro completo de antivirais e um curso intensivo de medicina medieval. E ela adiantou bastante seu lado do trabalho. Estava estudando ervas medicinais durante todo o tempo em que esteve no Hospital.

— Sei disso — disse Dunworthy.

Ela passara as últimas férias de Natal memorizando missas em latim e aprendendo a tecer num tear, a fazer bordados. Ele ensinou para ela tudo que lhe ocorreu, mas será que isso bastaria para evitar que ela fosse atropelada por uma carroça, ou estuprada por um cavaleiro bêbado que voltasse das Cruzadas para o lar? Ainda queimavam pessoas na fogueira em 1320. Não havia vacina capaz de protegê-la de nada disso ou de alguém que a visse passando e concluísse que ela era uma bruxa.

Ele voltou a espiar através do vidro. Latimer tinha apanhado o baú pela terceira vez e acabava de colocá-lo de volta. Montoya olhava o relógio. O técnico batia no teclado e franzia a testa.

— Eu devia ter me recusado a servir de tutor — disse ele. — Só fiz aquilo para mostrar a Gilchrist o quanto ele é incompetente.

— Não diga esse absurdo — retorquiu Mary. — Você fez porque era Kivrin. Ela é igualzinha a você: brillante, resoluta, determinada.

— Eu nunca fui tão imprudente assim.

— Claro que foi. Lembro de uma época em que você mal podia esperar para correr para o tempo da Blitz e sentir as bombas sendo despejadas em sua cabeça. E, se não estou enganada, lembro de um incidente envolvendo a velha biblioteca Bodleian...

A porta da sala de preparação se escancarou, e Kivrin e Gilchrist entraram, Kivrin erguendo as compridas saias ao caminhar por entre as caixas tombadas no chão. Estava usando a capa branca com bordas de pele de coelho e a túnica de um azul vívido, que trouxera para mostrar a ele na véspera, explicando que a capa fora tecida à mão. Parecia um velho lençol de lã que alguém tinha enrolado em volta dos ombros da garota, e a túnica tinha mangas demais longas. Quase lhe cobriam as mãos. Os longos cabelos claros estavam presos com uma fita, e caíam frouxamente sobre os ombros. Ela continuava parecendo não ter idade para atravessar a rua sozinha.

Dunworthy ficou de pé, pronto para bater no vidro assim que ela olhasse em sua direção, mas Kivrin parou a meio caminho por entre os objetos espalhados, ainda quase de costas para ele, andou mais um pouco e voltou a segurar as saias, que arrastavam no chão.

Gilchrist foi até Badri, disse alguma coisa e apanhou uma prancheta que estava em cima do console. Começou a checar alguns itens ali escritos, dando riscos rápidos com a caneta luminosa.

Kivrin disse alguma coisa e apontou para o baú reforçado com latão. Montoya endireitou com impaciência o corpo, que se inclinava por cima do ombro de Badri, e foi até onde Kivrin estava parada, abanando a cabeça. Kivrin disse algo, com mais firmeza, e Montoya pôs um joelho no chão e moveu o baú mais para perto da carroça.

Gilchrist checou mais um item da sua lista. Disse alguma coisa e Latimer foi buscar uma caixa achatada de metal, que entregou para ele. Gilchrist falou com Kivrin e ela pousou as mãos espalmadas sobre o peito. Inclinou a cabeça sobre elas e começou a falar.

— Ele está pedindo para ela praticar uma oração? — perguntou Dunworthy. — Vai ser útil, porque a ajuda divina será a única que ela vai ter neste salto.

— Estão checando o implante — disse Mary.

— Que implante?

— O recorde. Um chip-gravador especial para que ela possa gravar seu trabalho de campo. Muitos dos contemps não leem nem escrevem, então eu implantei um ouvido com conversor analógico-digital num pulso, e uma memória no outro. Ela ativa os dois ao pressionar as palmas das mãos uma contra a outra. Quando está falando assim, dá a impressão de estar rezando. Os chips têm bastante espaço, então ela poderá gravar suas observações durante as duas semanas e meia que terá pela frente.

— Deveria ter implantado também um localizador, para que ela pudesse pedir ajuda.

Gilchrist estava mexendo na caixa achatada de metal. Ele abanou a cabeça e então pegou e ergueu as mãos de Kivrin um pouquinho. Ao fazer isso, a manga escorregou para trás. A mão dela estava cortada, uma linha escura de sangue coagulado cobria todo o corte.

— Tem alguma coisa errada — disse Dunworthy, virando-se para Mary. — Ela se feriu.

Kivrin estava falando para dentro das mãos outra vez. Gilchrist assentiu. Kivrin ergueu os olhos para ele, então viu Dunworthy e lhe endereçou um sorriso deliciado. Havia sangue também na sua testa. O cabelo por baixo da fita estava todo endurecido de sangue seco. Gilchrist ergueu os olhos, viu Dunworthy e foi na direção da divisória de vidro, aparentemente irritado.

— Ela nem sequer saltou e eles já deram um jeito de deixar que se ferisse! — exclamou Dunworthy, batendo com força no vidro.

Gilchrist foi até o painel na parede, mexeu numa chave, voltou e ficou de frente para Dunworthy.

— Sr. Dunworthy — cumprimentou ele. Fez um aceno com a cabeça para Mary. — Dra. Ahrens. Estou muito alegre por terem vindo presenciar *a partida de Kivrin*. — Ele pôs uma ênfase levíssima nas últimas palavras, de modo que soaram como uma ameaça.

— O que aconteceu com Kivrin? — quis saber Dunworthy.

— Aconteceu? — objetou Gilchrist, soando espantado. — Não sei do que está falando.

Kivrin também se aproximara da divisória, agarrando a saia da túnica com uma mão manchada de sangue. Havia uma mancha avermelhada em sua bochecha.

— Quero falar com ela — pediu Dunworthy.

— Receio que não haja tempo — disse Gilchrist. — Temos que cumprir um cronograma.

— Eu exijo falar com ela.

Gilchrist contraiu os lábios, e duas linhas brancas apareceram em cada lado do nariz.

— Talvez eu deva recordar, sr. Dunworthy — rebateu, com frieza —, que este salto está sendo realizado pelo Brasenose, e não pelo Balliol. Claro que aprecio muitíssimo a assistência que nos deu ao emprestar o seu técnico, e respeito os seus longos anos de experiência como historiador, mas posso garantir que tudo aqui está sob controle.

— Então por que sua historiadora já está ferida, antes mesmo de começar a viagem?

— Oh, sr. Dunworthy, estou tão feliz que tenha vindo — falou Kivrin, aproximando-se do vidro. — Estava com medo de não poder me despedir do senhor. Não é empolgante?

Empolgante.

— Você está sangrando — se limitou a comentar Dunworthy. — O que houve?

— Nada — respondeu Kivrin, tocando de leve nas têmporas e depois olhando os dedos. — Faz parte do disfarce. — Ela voltou os olhos para Mary. — Dra. Ahrens, a senhora também veio. Estou tão feliz.

Mary tinha ficado de pé, ainda segurando a sacola de compras.

— Eu quero ver sua vacina antiviral — disse ela. — Teve alguma outra reação além do inchaço? Coceira?

— Está tudo bem, dra. Ahrens — garantiu Kivrin. Ela subiu a manga e a deixou cair em seguida, antes que Mary conseguisse se deter na pele do braço.

Havia um machucado avermelhado no antebraço de Kivrin, já começando a ficar de um negro-azulado.

— Seria mais útil perguntar por que ela está sangrando — insistiu Dunworthy.

— Faz parte do disfarce, já disse. Eu sou Isabel de Beauvrier, supostamente atacada por ladrões durante uma viagem — explicou Kivrin. Ela virou-se e indiou com um gesto as caixas e a carroça despedaçada. — Meus pertences foram roubados, e eles me deram por morta. Sabe, sr. Dunworthy, tirei essa ideia do senhor — comentou ela, com ar de repreensão.

— Eu com certeza nunca sugeriria que você começasse a viagem sangrando e espancada — disse ele, irritado.

— Não podíamos usar sangue artificial — interferiu Gilchrist. — Probabilidade não nos deu chances estatisticamente significativas de que ninguém tentaria curar os ferimentos dela.

— E nunca ocorreu a vocês fazer uma falsificação realista? Em vez disso, bateram na cabeça dela? — questionou ele, com irritação.

— Talvez eu deva recordar, sr. Dunworthy, que...

— Este é um projeto do Brasenose, e não do Balliol? Tem mais do que razão. Não é do Balliol. Se fosse um salto do Século xx, estaríamos tentando proteger nossa historiadora, e não infligindo ferimentos deliberadamente. Quero falar com Badri. Quero saber se ele refez os cálculos do estagiário.

Os lábios de Gilchrist se contraíram.

— Sr. Dunworthy, o sr. Chaudhuri pode ser o seu técnico de rede, mas este é *meu* salto. Posso garantir que consideraremos toda contingência possível...

— É só uma beliscada — cortou Kivrin. — Nem dói. Estou bem, de verdade. Por favor não se aborreça, sr. Dunworthy. A ideia do ferimento foi minha. Lembrei do que o senhor tinha dito a respeito de uma mulher na Idade Média ser muito vulnerável, e achei que seria uma boa se eu parecesse mais vulnerável do que sou.

Seria impossível para você parecer mais vulnerável do que é, pensou Dunworthy.

— Se parecer que eu estou inconsciente, posso escutar o que as pessoas estão dizendo ao meu respeito, o que evitaria um monte de perguntas sobre quem eu sou, porque será óbvio que...

— Está na hora de ir para sua posição — interrompeu Gilchrist, caminhando ameaçadoramente para o painel na parede.

— Estou indo — disse Kivrin, sem se mexer.

— Estamos prontos para colocar a rede.

— Eu sei — disse ela, com firmeza. — Irei assim que tiver me despedido do sr. Dunworthy e da dra. Ahrens.

Gilchrist assentiu num gesto curto e saiu caminhando por entre os objetos caídos. Latimer perguntou alguma coisa a ele, que deu uma resposta seca.

— O que significa ir para a posição? — perguntou Dunworthy. — Receber uma pancada na cabeça, porque o pessoal da Probabilidade avisou que seria estatisticamente possível alguém achar que você não estava inconsciente de verdade?

— Significa me deitar e fechar os olhos — respondeu Kivrin, sorrindo. — Não se preocupe.

— Não há razão para não esperar até amanhã e pelo menos dar tempo a Badri para que ele faça uma checagem de parâmetros — arriscou Dunworthy.

— Eu quero ver aquela vacina de novo — exigiu Mary.

— Vocês dois podiam parar com essa agitação? — questionou Kivrin. — Minha vacina não está coçando, o corte não dói, Badri passou a manhã inteira realizando testes. Sei que estão preocupados comigo mas, por favor, fiquem tranquilos. O salto vai ser na estrada principal de Oxford para Bath, a umas duas milhas de Skendgate. Se não houver ninguém por perto, vou entrar no vilarejo e dizer às pessoas que fui atacada por ladrões. Depois de ter demarcado minha posição, para posteriormente achar o lugar exato do salto. — Ela ergueu e apoiou a mão no vidro. — Quero agradecer a vocês dois por tudo que fizeram. Eu queria mais do que tudo na vida ir para a Idade Média, e agora estou indo de verdade.

— Provavelmente você vai experimentar fadiga e dor de cabeça depois do salto — constatou Mary. — São sintomas normais do deslocamento temporal.

Gilchrist veio caminhando para a divisória.

— Está na hora de ir para sua posição — insistiu ele.

— Preciso ir — explicou Kivrin, recolhendo as pesadas saias. — Muitíssimo obrigada aos dois. Eu não estaria indo se não fosse a ajuda que vocês me deram.

— Adeus — disse Mary.

— Se cuide — pediu Dunworthy.

— Pode deixar — falou Kivrin, mas Gilchrist já tinha mexido no painel, e Dunworthy não pôde mais ouvi-la. Ela sorriu, ergueu a mão num leve aceno e foi na direção da carroça destroçada.

Mary voltou a se recostar na cadeira e a remexer em sua sacola de compras, à procura de um lenço. Gilchrist estava lendo alguma coisa em voz alta, olhando para a prancheta. Kivrin assentia ao ouvir cada item, e ele voltava a conferi-los com sua caneta luminosa.

— E se ela pegar uma infecção sanguínea com esse corte na testa? — indagou Dunworthy, ainda parado diante do vidro.

— Ela não vai pegar infecção por causa do corte — disse Mary. — Eu reforcei seu sistema imunológico. — Ela assoou o nariz.

Kivrin estava discutindo com Gilchrist a respeito de algo. As linhas brancas nas laterais do nariz dele apareciam com clareza. Ela abanou a cabeça e, depois de um minuto, ele riscou mais um item, com um gesto brusco, zangado.

Gilchrist e o resto da equipe de Medieval podiam ser incompetentes, mas Kivrin não era. Ela tinha estudado inglês médio e latim eclesiástico e anglo-saxão. Tinha memorizado missas em latim e aprendido a bordar e a ordenhar vacas. Tinha criado uma identidade para si e uma explicação para o fato de estar sozinha na estrada entre Oxford e Bath. Carregava consigo o intérprete e células-tronco reforçadas, e não tinha mais o apêndice.

— Ela vai tirar isso de letra — disse Dunworthy —, o que vai servir apenas para convencer Gilchrist de que os métodos da Medieval não são negligentes nem perigosos.

Gilchrist foi até o console e entregou a prancheta a Badri. Kivrin voltou a aproximar as mãos uma da outra, desta vez junto ao rosto, a boca quase as tocando, e começou a falar para dentro delas.

Mary chegou mais perto de Dunworthy, agarrando o lenço.

— Quando eu tinha dezenove anos... isso foi, ah, Deus, quarenta anos atrás... bom, nem parece tanto tempo assim... viajei com minha irmã pelo Egito inteiro — disse ela. — Foi durante a Pandemia. Por toda parte os governos estavam declarando quarentenas, e os israelenses atiravam nos americanos sem aviso prévio, mas a gente não ligava. Acho que nem chegamos a cogitar a ideia de que podíamos estar correndo perigo, podíamos adoecer ou ser confundidas com americanos. Mas tudo o que queríamos era conhecer as pirâmides.

Kivrin tinha parado suas orações. Badri abandonou o console e foi até onde ela estava. Falou com ela durante vários minutos, sem nunca perder aquele cenho franzido. Ela se ajoelhou e depois deitou de lado perto da carroça, virando-se de modo a ficar deitada de costas, com um braço por cima da cabeça e as saias enroscadas nas pernas. O técnico arrumou um pouco as saias, puxou do bolso o medidor de luz, andou em volta de Kivrin, retornou ao console e falou dentro do ouvido do aparelho. Kivrin ficou bem quieta, a mancha de sangue na testa quase enegrecida sob a luz forte.

— Oh, meu Deus, ela parece tão jovem.

Badri voltou a falar no microfone, fez uma careta diante dos resultados que viu no monitor, foi de novo até onde estava Kivrin. Ficou parado por cima dela, uma perna de cada lado, e se inclinou para ajeitar a posição da manga. Fez novas medições, ajeitou e colocou o braço dela como se estivesse diante do rosto, para protegê-la do golpe de um ladrão, mediu de novo.

— Chegou a ver as pirâmides? — perguntou Dunworthy.

— O quê? — disse Mary.

— Quando você foi ao Egito. Quando estava cruzando o Oriente Médio sem ligar para o perigo. Consegiu ver as pirâmides, afinal?

— Não. O Cairo foi declarado de quarentena no dia em que pousamos. — Ela olhou para Kivrin, ali deitada no chão. — Mas vimos o Vale dos Reis.

Badri moveu o braço de Kivrin uma fração de polegada, franziu a testa por um momento enquanto observava e depois voltou ao console. Gilchrist e Latimer o seguiram. Montoya deu um passo atrás para que todos pudessem observar bem o monitor. Badri falou no console, e os escudos semitransparentes começaram a se abaixar, cobrindo Kivrin como um véu.

— Ficamos felizes por ter ido — observou Mary. — Voltamos para casa sem um arranhão.

Os escudos tocaram o solo, ondearam um pouco, como as longas saias de Kivrin, e por fim ficaram imóveis.

— Se cuide — sussurrou Dunworthy. Mary segurou a mão dele.

Latimer e Gilchrist se agruparam à frente do monitor, acompanhando uma súbita explosão de números. Montoya conferiu o relógio. Badri inclinou-se para a frente e abriu a rede. O ar no interior dos escudos cintilou com a condensação súbita.

— Não vá — disse Dunworthy.



TRANSCRITO DO LIVRO DO JUÍZO FINAL

(000008-000242)

Primeira anotação, 22 de dezembro de 2054. Oxford. Este será o registro das minhas observações históricas da vida em Oxfordshire, Inglaterra, de 13 de dezembro de 1320 a 28 de dezembro de 1320 (Calendário Antigo).

(pausa)

Sr. Dunworthy, estou chamando isto aqui de *Livro do juízo final* porque ele pretende ser um registro da vida na Idade Média, que é o que o registro de Guilherme, o Conquistador, acabou se tornando, mesmo tendo sido concebido como um método para que ele não deixasse de arrecadar todo o ouro e todos os impostos que seus súditos deviam.

Também o chamo de *Livro do juízo final* porque imagino que o senhor gostaria de chamá-lo assim, convencido de que alguma coisa terrível vai me acontecer. Neste mesmo instante estou vendo o senhor na área de observação, explicando à dra. Ahrens todos os tenebrosos perigos dos anos 1300. Não precisa perder seu tempo. Ela já me preveniu a respeito dos efeitos do deslocamento temporal e de cada doença medieval com seus detalhes mais escabrosos, mesmo que eu esteja supostamente imune a todas elas. Também me preveniu sobre o quanto o estupro é corriqueiro nos 1300. E quando digo a ela que eu vou ficar bem, ela também não me escuta. Eu vou ficar bem, sr. Dunworthy.

Claro que, quando estiver lendo estas linhas, o senhor já saberá disso, e saberá que voltei sã e salva, tudo de acordo com o cronograma, de modo que não vai ligar para um pouquinho de provocação. Sei que toda sua preocupação é para o meu bem e que, sem toda a sua ajuda e todo o preparo que me deu, eu não teria voltado inteira, ou teria ficado por lá.

Portanto, este meu *Livro do juízo final* é dedicado ao senhor, sr. Dunworthy. Se não fosse por sua ajuda, eu não estaria aqui com estas saias e esta túnica, falando neste recorde, esperando que Badri e o sr. Gilchrist acabem esses cálculos intermináveis, louca para que eles acabem logo e eu possa *partir*.

(pausa)

Cheguei.